

Comportamento Semanal de Mercado

18 a 25 de outubro



Composição menos favorável para a inflação

Em função da significativa elevação dos custos com alimentação e energia elétrica, o IPCA-15 saiu de uma alta de 0,13% em set/24 para 0,54% em outubro, com a taxa anualizada acelerando de 4,12% a.a. em set/24 para 4,47% a.a.. A composição qualitativa menos favorável do índice reforça a dificuldade para que a inflação convirja à meta de 3,0%. Em 12 meses, a média dos 5 núcleos acompanhados pelo Banco Central (BC) elevou-se de 3,60% a.a. para 3,81% a.a. e a medida subjacente passou de 4,61% a.a. para 5,08% a.a. nos serviços.

Ainda não contemplando a adoção da bandeira tarifária amarela nas contas de luz em novembro, a mediana das expectativas para o mês manteve-se em 0,20% e para dezembro aumentou de 0,48% para 0,50%. Com isso, a projeção do IPCA para 2024 elevou-se de 4,50% para 4,55%, extrapolando o teto de 4,5%. Reiterando o desafio para a convergência, a expectativa inflacionária para o horizonte relevante da política monetária (18 meses à frente), no Boletim Focus, ampliou-se de 3,87% em 18/10 para 3,88% em 25/10.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) elevou a projeção de crescimento econômico do Brasil de 2,1% em jul/24 para 3,0% em 2024, mas com a política monetária mais restritiva reduziu o número de 2025 de 2,4% para 2,2%. No Focus, a estimativa para 2024 avançou de 3,05% para 3,08%, mantendo na margem a desaceleração para 1,93% em 2025. Apesar dos temores quanto à evolução das despesas, mas alinhando-se ao dinamismo da atividade econômica, a arrecadação federal via impostos e previdência segue surpreendendo positivamente. No acumulado do ano até setembro houve uma elevação real de 9,7% frente ao mesmo período de 2023. No Focus, o déficit primário esperado é de -0,60% do PIB para 2024 e de -0,70% para 2025.

O aumento na desancoragem das expectativas persiste mesmo com a redução na projeção do avanço no PIB em 2025 e com as esperadas elevações na Selic de 0,50 p.p. em novembro e em dezembro e de 0,25 p.p. em janeiro. Alinhada à pesquisa, a taxa real de juros *ex-ante* ficou em 8,19% a.a., o que representou uma queda de -0,05 p.p. na semana, patamar ainda fortemente restritivo, quando comparado com os 4,75% a.a., considerado como neutro pelo BC.

No quadro externo, a volatilidade atual está condicionada: (i) ao impacto da resiliência da atividade econômica na convergência da inflação à meta de 2,0% nos EUA; (ii) aos desdobramentos na demanda global de um eventual fracasso das medidas de estímulos governamentais na China; e (iii) aos reflexos de uma possível escalada do conflito no Oriente Médio, com impactos no comércio de *commodities*, especialmente petróleo. Na sexta-feira (25/10), a ferramenta do CME Group apontava 95,1% de chance de um corte de -0,25 p.p. nos *Fed Funds* para a reunião de novembro (86,5% em 21/10). Já para dezembro, a probabilidade de outro corte de -0,25 p.p. era de 74,6% (64,9% em 21/10).

Com a desancoragem das expectativas, o hiato do produto positivo, as preocupações com a trajetória da dívida pública e a depreciação cambial, as atenções na semana que se adentra estarão voltadas para a temperatura que os números de setembro do mercado de trabalho (Caged e Pnad) vão indicar. Para monitoramento, ainda, as estatísticas fiscais, além da atividade industrial no 3T24 e as sondagens de confiança da FGV. No exterior, destaques para a preliminar do PIB do 3T24 nos EUA, o índice de preços para gastos com o consumo pessoal (PCE) de setembro e o *payroll* de outubro, que poderão dar mais sinais quanto à trajetória na política monetária dos EUA, além da inflação ao consumidor (CPI) e o PIB da Zona do Euro.

Expectativas

Com o resultado do IPCA-15 não tão favorável, a mediana das projeções no Boletim Focus para o IPCA de outubro elevou-se de 0,49% em 18/10 para 0,51% em 25/10. Ainda não contemplando a adoção da bandeira tarifaria amarela nas contas de luz em novembro, em razão de uma melhora das condições de geração de energia, a mediana das expectativas para novembro manteve-se em 0,20%. Para dezembro, a estimativa aumentou de 0,48% para 0,50%.

Sem considerar esse impacto favorável, a mediana das projeções do IPCA para 2024 elevou-se de 4,50% para 4,55%, extrapolando o teto da meta de inflação (4,37% há 4 semanas). Aumentando a desancoragem, a projeção do IPCA para 2025 passou de 3,99% para 4,00% (3,97% há 4 semanas). Para os anos de 2026 e 2027, as medianas das expectativas mantiveram-se, respectivamente, em 3,60% e em 3,50%. No horizonte relevante para a política monetária de 18 meses à frente, (mar/26), a expectativa ampliou-se de 3,87% para 3,88%.

Construída com base nos preços negociados das NTN-Bs, a curva da inflação implícita indicou para o prazo de 1 ano estabilidade em 5,99%, para 2 anos cedeu em -0,06 p.p. para 5,70% e para 3 anos em -0,07 p.p. para 5,65%.

Com as esperadas elevações de 0,50 p.p. na Selic em novembro e em dezembro, a taxa encerraria este ano em 11,75% a.a. (11,75% a.a. há 4 semanas). Com mais uma elevação de 0,25 p.p. em janeiro, e com a retomada do ciclo de flexibilização monetária apenas em novembro, a Selic fecharia 2025 em 11,25% a.a. (10,75% a.a. há 4 semanas). Para 2026, espera-se que a Selic fique em 9,50% a.a. (9,50% há 4 semanas) e para 2027 em 9,00% (9,00% a.a. há 4 semanas).

No que tange à atividade econômica, espera-se que o PIB avance 3,08% em 2024, ante 3,05% em 18/10 (3,00% há 4 semanas). Por conta do aperto nas condições financeiras, projeta-se uma desaceleração para 1,93% em 2025 (1,92% há 4 semanas). Para os anos de 2026 e 2027, as projeções acomodaram-se em 2,00%.

No mercado de câmbio, as projeções estão se adequando ao movimento no mercado a vista. Para o final de 2024, a estimativa aumentou de R\$/US\$ 5,42 para R\$/US\$ 5,45 (R\$/US\$ 5,40 há 4 semanas), enquanto para 2025 continuou em R\$/US\$ 5,40 (R\$/US\$ 5,35 há 4 semanas). Com apreciação de 0,57%, a projeção para 2026 ficou em R\$/US\$ 5,33 (R\$/US\$ 5,30 há 4 semanas). Já para o término de 2027, a previsão subiu de R\$/US\$ 5,30 para R\$/US\$ 5,35 (R\$/US\$ 5,30 há 4 semanas).

Por fim, apesar das preocupações com a trajetória das contas públicas, as projeções fiscais pouco se modificaram. Em relação ao PIB, o déficit primário permaneceu em -0,60% para 2024 (-0,60% há 4 semanas), em -0,70% para 2025 (-0,73% há 4 semanas), em -0,50% para 2026 (-0,67% há 4 semanas), e em -0,30% para 2027 (-0,30% há 4 semanas). Já a dívida líquida do setor público (DLSP), também em relação ao PIB, manteve-se em 63,50% para 2024 (63,50% há 4 semanas), em 66,68% para 2025 (66,50% há 4 semanas) e em 69,22% para 2026 (69,23% há 4 semanas). Para 2027, a estimativa variou de 71,50% para 71,40% do PIB (71,48% há 4 semanas).

IPCA (% a.a.)

	IPCA (%)		
	Mediana - agregado		
	25/10/2024	Últ. Semana	Há 4 semanas
out/24	0,51	0,49	0,34
nov/24	0,20	0,20	0,21
dez/24	0,50	0,48	0,45
2024	4,55	4,50	4,37
2025	4,00	3,99	3,97
2026	3,60	3,60	3,60

Fonte: Focus/BCB. Elaboração ABBC

Internacional

Ao sumarizar as condições econômicas nos EUA, o Livro Bege do Federal Reserve (Fed) reforçou o sentimento de que a atividade caminha para um pouso suave. Em relação ao mês de setembro, não houve alteração significativa no nível de atividade. Todavia, a maioria dos distritos indicou um declínio na atividade industrial, enquanto a do setor bancário, em geral, ficou estável ou com ligeiras elevações. A inflação continuou moderada, com os preços crescendo em um ritmo modesto na maioria dos distritos, os dos imóveis aumentaram em muitas regiões e os aluguéis se mantiveram estáveis ou caíram ligeiramente. De um modo geral, os preços dos insumos subiram moderadamente. Já o nível de emprego cresceu ligeiramente, com mais de 50% das regiões relatando expansão leve, baixa rotatividade de funcionários em muitos distritos e uma melhora na disponibilidade de trabalhadores.

Indicando expansão, a atividade industrial nos EUA aumentou em outubro. Surpreendo os analistas, o índice de gerentes de compras composto (PMI) da S&P Global subiu de 54,0 em set/24 para 54,3 na prévia do mês (53,9 pela FactSet). No período, o PMI industrial avançou de 47,3 para 47,8 (47,6 pela FactSet). Por fim, o PMI de serviços aumentou marginalmente de 55,2 para 55,3 (55,1 pela FactSet)..

O índice de confiança do consumidor da Universidade de Michigan subiu de 70,1 pts. em set/24 para 70,5 pts., superando as expectativas de mercado (69,0 pts. pela FactSet e 68,9 pts. pela leitura preliminar). O indicador sobre a percepção das condições atuais aumentou de 63,3 em set/204 para 64,9 pts., enquanto o de expectativas recuou de 74,4 pts. para 74,1 pts.. A expectativa para a inflação em 12 meses ficou estável em 2,7%, ao passo que a de 5 anos desacelerou de 3,1% para 3,0%.

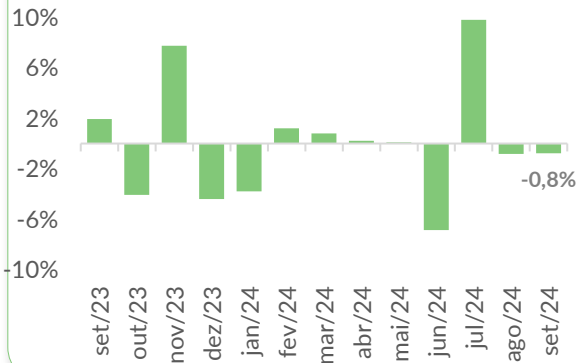
Por sua vez, os pedidos por bens duráveis cederam -0,8% em setembro, para US\$ 284,8 bilhões (-1,0% pela FactSet). O movimento ocorreu com as diminuições: nos equipamentos de transportes (-3,1%); embarques de bens duráveis manufaturados (-0,6%); quedas nas encomendas de máquinas (-0,2%); computadores e produtos eletrônicos (-0,3%); e bens de capital (-2,8%). No mercado imobiliário, as vendas de casas novas subiram 4,1% na margem em setembro, para uma taxa anual ajustada sazonalmente de 738 mil, o maior nível desde mai/23. Os números de ago/24 foram revisados para baixo, de 716 mil para 709 mil. Por sua vez, as vendas de moradias usadas cederam -1,0% em setembro, para uma taxa anual ajustada sazonalmente de 3,84 milhões, o menor nível desde out/10, com os preços dos imóveis se mantendo elevados.

Marcando uma forte queda em relação à semana anterior, quando houve 242 mil solicitações por auxílio-desemprego, os pedidos totalizaram 227 mil na semana finda em 19/10 (242 mil pela Reuters). A média móvel de 4 semanas ficou em 238,5 mil, um aumento de 2 mil em relação à média móvel revisada da semana antecedente (236,5 mil).

Abaixo do consenso, o PMI composto da Zona do Euro avançou para 49,7 em out/24, de 49,6 em set/24 (49,8 pelo The Wall Street Journal). Com a pressão salarial ainda presente, a inflação de serviços deve se manter elevada, reforçando as chances de uma redução gradual dos juros pelo Banco Central Europeu (BCE). Já a confiança do consumidor aumentou 0,4 pt. em outubro, para -12,5 pts., o maior nível desde fev/22, em linha com o previsto por levantamento da FactSet. Todavia, permanece abaixo da média de longo prazo.

Por fim, o Banco do Povo da China (PBoC) manteve estável a taxa de juros de médio prazo (MLF) em 2,0% em outubro, ao injetar 700 bilhões de yuans (US\$ 98,29 bilhões) no sistema, além de colocar 292,6 bilhões de yuans (US\$ 41,08 bilhões), por meio de acordos de recompra reversa de 7 dias, a uma taxa de juros inalterada em 1,5% a.a..

EUA – Pedidos por Bens Duráveis
Variação mensal – com ajuste sazonal



Fonte: Fred Economic Data. Elaboração ABBC

FMI – World Economic Outlook – Out/24

Com as mudanças significativas no cenário econômico internacional em relação à versão anterior, o “World Economic Outlook” do FMI atualizou as suas projeções. A estimativa para o crescimento do PIB global de 2024 manteve-se em 3,2%, enquanto para 2025 reduziu-se de 3,3% em jul/24 para 3,2%. No longo prazo, a expectativa é de que se tenha um crescimento global médio de 3,1% nos próximos 5 anos, um resultado inferior à média registrada antes da pandemia.

A projeção de crescimento nos EUA melhorou, compensando a revisão para baixo de outras grandes economias, como as europeias. O início do ciclo de flexibilização monetária pelo Fed, em ritmo mais forte do que o anteriormente esperado, fundamentou a revisão para cima das estimativas, aumentando de 2,6% em jul/24 para 2,8% para 2024 e de 1,9% para 2,2% para 2025. Na Zona do Euro, as projeções recuaram em -0,1 p.p. para 0,8% para 2024 e em -0,3 p.p. para 1,2% para 2025. Nesse contexto, as estimativas para as economias avançadas mantiveram-se na margem em 1,8% para 2024 e reduziram-se de 1,9% para 1,8% para 2025

Apesar das medidas de estímulos, a projeção para o avanço do PIB na China para 2024 caiu em -0,2 p.p. para 4,8%, mas mantendo-se em relação a jul/24 em 4,5% para 2025. Com a produção e o transporte de commodities, especialmente petróleo, interrompidos por conflitos, eventos climáticos extremos e instabilidades, afetando negativamente o Oriente Médio, a Ásia Central e a África Subsaariana, mas a Ásia emergente sendo impulsionada por investimentos em inteligência artificial e pela forte demanda por semicondutores, as projeções para as economias emergentes mantiveram-se na margem em 4,2% para 2024 e diminuíram em -0,1 p.p. para também 4,2%.

A expectativa para o crescimento na América Latina e Caribe em 2024 aumentou de 1,8% em jul/24 para 2,1% e para 2025 recuou de 2,7% para 2,5%. Devido ao consumo privado e investimento mais fortes no 1º semestre, impulsionados pela força no mercado de trabalho, pelas transferências governamentais e pelo baixo impacto das inundações no Rio Grande do Sul, a projeção de expansão da economia no Brasil para 2024 elevou-se em relação ao documento anterior, de 2,1% para 3,0%. No entanto, com a política monetária ainda restritiva e a estimativa de arrefecimento do mercado de trabalho, espera-se que o crescimento para 2025 diminua em -0,2 p.p. para 2,2%.

No México, a estimativa de alta para 2024 diminuiu em -0,7 p.p. para 1,5%, refletindo o enfraquecimento da demanda interna em função também do aperto da política monetária. Com uma postura fiscal muito apertada, a desaceleração da projeção de crescimento foi de -0,3 p.p. para 1,3% para 2025.

Projeções

Desempenho Econômico	Observado	WEO Outubro 2024		Diferença em relação à Jul/2024 (p.p.)	
	2023	2024	2025	2024	2025
Mundo	3,3%	3,2%	3,2%	0,0	-0,1
Economias Avançadas	1,7%	1,8%	1,8%	0,1	0,0
Economias Emergentes	4,4%	4,2%	4,2%	0,0	-0,1
China	5,2%	4,8%	4,5%	-0,2	0,0
EUA	2,9%	2,8%	2,2%	0,2	0,3
Euro Area	0,4%	0,8%	1,2%	-0,1	-0,3
Brasil	2,9%	3,0%	2,2%	0,9	-0,2

Fonte: FMI. Elaboração ABBC

Aversão ao Risco

O atual movimento de volatilidade nos mercados globais está condicionado: (i) ao impacto da resiliência da atividade econômica na convergência da inflação à meta de 2,0% nos EUA; aos desdobramentos na demanda global de um eventual fracasso das medidas de estímulos governamentais na China; e (iii) aos reflexos de uma possível escalada do conflito no Oriente Médio, com impactos no comércio de commodities, especialmente petróleo.

Os investidores concentraram as suas apostas em 2 cortes de -0,25 p.p. na taxa básica de juros, que fecharia o ano entre 4,25% e 4,50% a.a.. Na sexta-feira (25/10), a ferramenta *FedWatch*, do CME Group, apontava 95,1% de chance de um corte de -0,25 p.p. nos *Fed Funds* para a reunião de novembro (86,5% em 21/10). Já para dezembro, a probabilidade de outro corte de -0,25 p.p. era de 74,6% (64,9% em 21/10) e de 24,3% para uma redução de -0,50 p.p. (31,7% em 21/10).

Com esse quadro, houve altas semanais nos retornos das *T-Notes*, de 0,16 p.p. para 4,11% a.a. na de 2 anos, de 0,19 p.p. para 4,07% a.a. na de 5, de 0,17 p.p. para 4,25% a.a. na de 10 e de 0,13 p.p. para 4,51% a.a. na de 30 anos.

Em consonância à deterioração do sentimento, e refletindo os piores resultados corporativos, as principais bolsas internacionais encerraram a semana com perdas. Com destaque para o S&P 500 e Dow Jones que reverteram a sequência de 6 semanas consecutivas em crescimento. No período, verificaram-se recuos de: - 2,68% no Dow Jones; de -0,96% no S&P 500; de -1,31% no FTSE 100; de -0,99% no DAX 40; e de -2,74% no Nikkei 225.

Apoiado nos melhores resultados de empresas de megacaps e tecnologia, o índice da Nasdaq subiu 0,16%. Por sua vez, sustentada pela nova rodada de medidas de estímulos, a bolsa de Xangai subiu 1,17%.

Nesse contexto, o mercado de *commodities* registrou uma recuperação na semana, com o preço da saca de soja na bolsa de Chicago subindo 1,83% e o minério de ferro negociado em Qingdao com alta de 0,43%. Cotado a US\$ 76,05, o preço do barril de petróleo tipo Brent acumulou uma alta de 4,09%, com os temores de uma escalada no conflito no Oriente Médio se sobrepondo às dúvidas com relação ao descasamento entre oferta e demanda, acentuada pelo forte aumento no estoque da commodity nos EUA.

Na semana, o risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, subiu 4,63 bps. para 157,47 bps., acumulando uma alta de 25,03 bps. no ano. Com uma queda de -0,46% no período, o Ibovespa encerrou a semana novamente abaixo dos 130 mil pontos, pressionado pelo comportamento do exterior e pela perspectiva de uma política monetária mais restritiva, o que deve afetar as empresas mais sensíveis à atividade econômica local.

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	25/10/2024	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	129.893	-0,46%	-1,29%	13,17%
Nasdaq	18.519	0,16%	2,41%	47,02%
S&P	5.808	-0,96%	1,50%	40,39%
Dow Jones	42.114	-2,68%	0,48%	28,46%
FTSE 100	8.249	-1,31%	-0,24%	12,16%
DAX 40	19.464	-0,99%	2,88%	32,13%
Nikkei 225	37.914	-2,74%	0,12%	23,89%
Xangai	3.300	1,17%	13,93%	10,42%

T-Note de 10 anos

Rendimento em % a.a.

Câmbio

Paralelamente às fortes elevações nos retornos das *T-Notes* e à deterioração na percepção de risco, o dólar tem ganhado força mercado de câmbio internacional. Na semana, o *Dollar Index*, que mede o desempenho da divisa dos EUA frente às de países desenvolvidos, subiu 0,74%, refletindo as depreciações de 1,86% o iene japonês, de 0,69% na libra esterlina e de 0,66% no euro.

Em consonância, o índice que calcula a variação de uma cesta de moedas de países emergentes em relação ao dólar recuou -0,47%, apesar da recuperação nos preços das *commodities*, com destaques para as depreciações de 1,49% no peso colombiano, de 0,55% no peso mexicano, de 0,42% no peso argentino e de 0,33% no rand sul-africano.

Com um desempenho levemente menos negativo do que a média de seus pares emergentes, o real depreciou-se em -0,25% na semana, com o dólar cotado a R\$ 5,71. Foi a maior cotação desde 05/08/24, quando alcançou R\$ 5,73. Com isso, o real acumulou uma depreciação de 17,62% no ano. Apesar de persistirem os temores com a dinâmica fiscal, houve uma retirada de parte do prêmio de risco nos ativos locais, em linha com a ligeira redução nas taxas de juros intermediárias e longas.

No período, o BC manteve sua atuação com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 02/12/24. Por fim, o fluxo cambial na semana entre os dias 14 e 18/10 ficou negativo em US\$ -634 milhões, fruto da entrada líquida de US\$ 1,52 bilhões na conta comercial e da saída líquida de US\$ -2,15 bilhões na financeira.

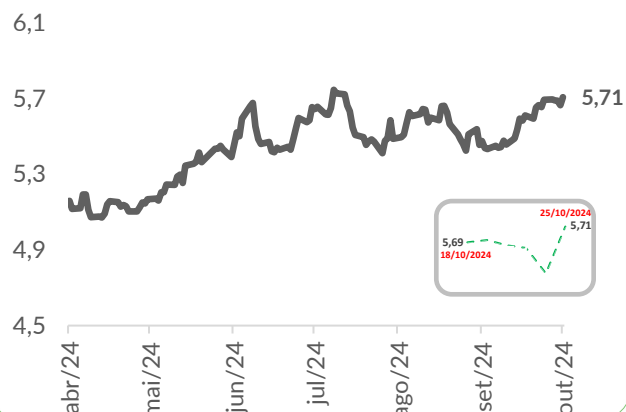
*Cesta do *Dollar Index*:

Euro; Yen; Libra Esterlina; Dólar Canadense; Coroa Sueca; e Franco Suíço.

**Cesta de Moedas de países emergentes:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

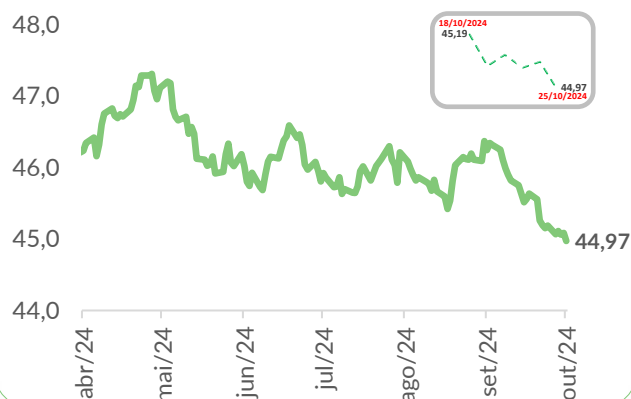
Real/US\$



Dólar Index*



Índice de Emergentes**



Fonte: Bloomberg/JP Morgan/BCB. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

A semana encerrou com uma ligeira redução nos prêmios de riscos da Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ) nos prazos intermediários e mais longos, descolando-se do exterior. Por outro lado, houve alta nos vértices mais curtos, refletindo o IPCA-15 de outubro acima do esperado.

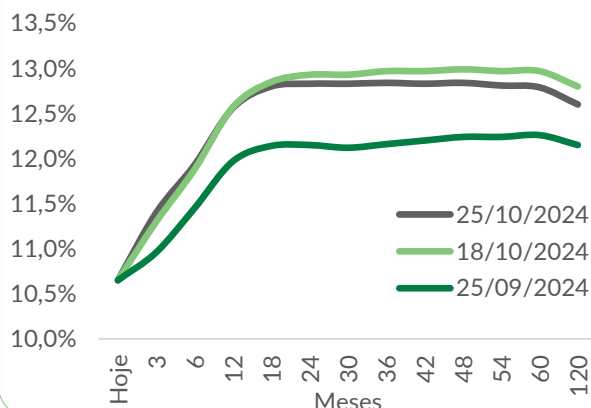
Em relação ao fechamento da semana anterior, a taxa de 3 meses subiu de 11,30% a.a. para 11,40% e a de 6 meses de 11,88% a.a. para 11,93%. Já com reduções, a taxa de 1 ano recuou de 12,57% a.a. para 12,56%, a de 2 anos de 12,93% a.a. para 12,83%, a de 3 de 12,97% a.a. para 12,84%, a de 4 de 12,99% a.a. para 12,84%, a de 5 de 12,97% a.a. para 12,79% e a de 10 anos saiu de 12,80% a.a. para 12,60%.

Com a redução na taxa de juros do *swap* DI prefixado de 360 dias somada à elevação de 0,04 p.p. para 4,04% na inflação esperada para os próximos 12 meses, a taxa real de juros *ex-ante* ficou em 8,19% a.a., o que representou uma queda de -0,05 p.p. na semana, porém ainda permanecendo em patamar fortemente restritivo, quando considerado o patamar de 4,75% a.a., estimado como neutro pelo BC.

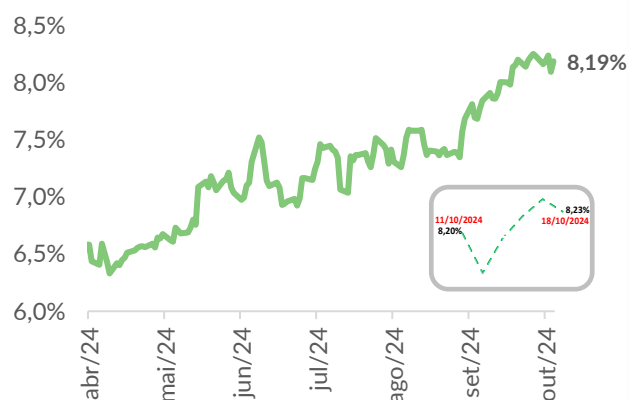
Em linha com as projeções no Boletim Focus, o mercado de opções da B3, na sexta 25/10, consolidava as previsões de mais 2 altas de 0,50 p.p. na meta Selic nas próximas reuniões, apontando 85,5% de chance para novembro (76,8% em 18/10) e 63,5% para dezembro (59,0% em 18/10).

Por fim, a medida de inclinação da ETTJ, calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano negociadas na B3, registrou forte queda de -0,19 p.p. na semana para 0,04 p.p.. Em consonância, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação de títulos públicos na Anbima, caiu -0,21 p.p. para 0,08 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros (% a.a.)

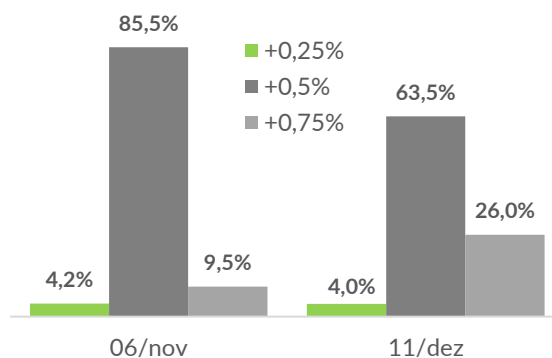


Taxa Real de Juros *ex-ante* (% a.a.)



Probabilidade Copom

Mercado de opções do Copom B3 (25/10/24)



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

IPCA-15 - Out/24

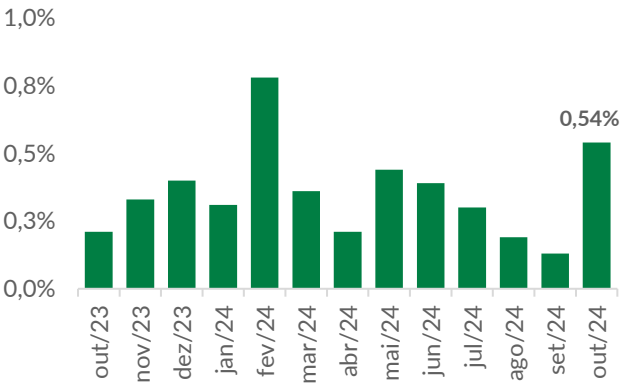
Em função da significativa elevação dos custos com alimentação e energia elétrica, o IPCA-15 acelerou de uma alta de 0,13% em set/24 para 0,54% em outubro, superando ainda a mediana das expectativas do mercado (0,51% pelo Valor Data). No ano, o índice acumulou uma alta de 3,71%, com a taxa anualizada acelerando de 4,12% a.a. em set/24 para 4,47% a.a. (5,05% a.a. em out/23).

Após uma baixa de -0,08% em set/24, o item Transportes apresentou uma queda de -0,33% em outubro (-0,07 p.p. de contribuição). Os demais grupos de produtos e serviços pesquisados apresentaram aceleração na margem. Habitação passou de uma alta de 0,50% para 1,72% (+0,26 p.p.), impactado pela vigência da bandeira tarifária vermelha patamar 2 nas contas de energia elétrica. Com a piora nas condições climáticas, Alimentação e Bebidas saiu de uma elevação de 0,05% para 0,87% (+0,18 p.p.). A variação nos preços na alimentação no domicílio passou de -0,01% para 0,95%, com destaque para os aumentos em carnes (4,18%), café (4,58%) e óleos e gorduras (2,73%). Já a alimentação fora do domicílio acelerou de 0,22% para 0,66%. Devido aos reajustes em alguns planos de saúde (0,53%), Saúde e Cuidados Pessoais saiu de 0,32% para 0,49% (+0,07 p.p.).

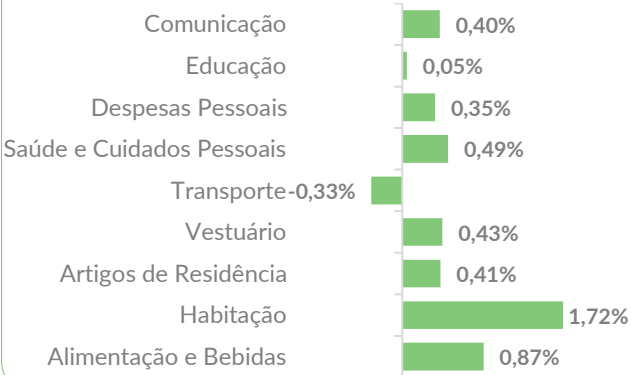
A composição qualitativa menos favorável reforça os desafios para a convergência da inflação à meta de 3,0%, embora a média móvel trimestral anualizada e dessazonalizada (MM3) do IPCA-15, apurada pela MCM Consultores Associados tenha reduzido de 5,35% a.a. em set/24 para 5,25% a.a.. A MM3 dos serviços subjacentes, objeto de preocupação, acelerou de 3,89% a.a. para 5,03% a.a..

Em 12 meses, a média dos 5 núcleos acompanhados pelo BC elevou-se de 3,60% a.a. em set/24 para 3,81% a.a.. A inflação dos preços administrados ampliou-se de 4,99% a.a. para 5,66% a.a. e a dos preços livres de 3,82% a.a. para 4,05% a.a.. Nas medidas subjacentes, os aumentos foram de: 4,61% a.a. para 5,08% a.a. nos serviços, de 3,60% a.a. para 4,77% a.a. na alimentação no domicílio e de 1,13% a.a. para 1,62% a.a. nos bens industriais.

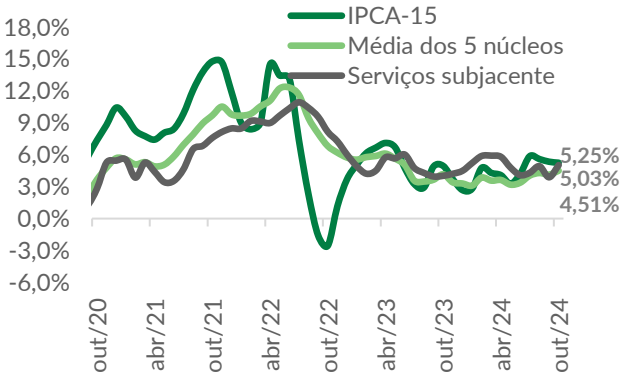
Variação Mensal



Variação Mensal Abertura por grupos



MM3M - Variação Anual Com ajuste sazonal



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

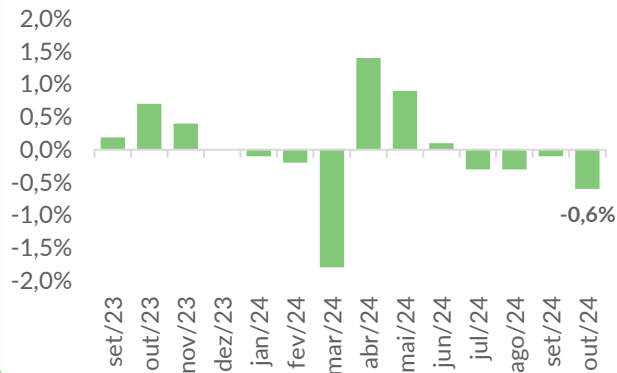
Índice de Consumo das Famílias – Out/24

A Intenção de Consumo das Famílias (ICF) da CNC reduziu-se pelo 4º mês consecutivo, com queda de -0,6% em outubro para 102,8 pts., na série livre de influências sazonais. O movimento refletiu a maior cautela dos consumidores em relação à perspectiva sobre o emprego e o nível de consumo, diante de um cenário macroeconômico mais desafiador, marcado pela pressão inflacionária, a retomada no ciclo de aperto monetário e as incertezas quanto aos ajustes fiscais.

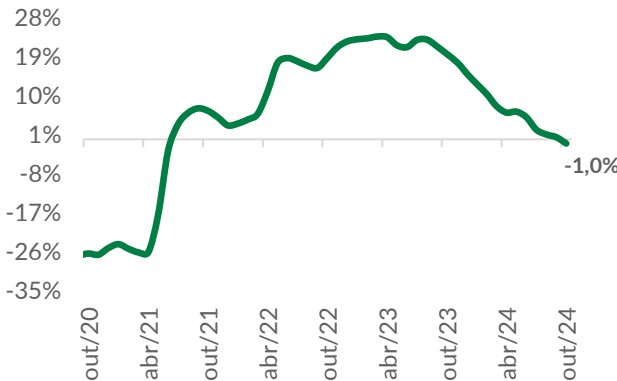
Na margem, todos os componentes do índice apresentaram movimento de queda, a exceção ficou com a Perspectiva Profissional, que se manteve estável. A dinâmica foi composta pelas reduções de: -1,8% para duráveis; -1,2% no nível de consumo atual; -1,1% no emprego atual; -0,9% no acesso ao crédito; e -0,6% em renda atual e perspectiva de consumo.

Apesar de ainda situar-se em patamar que indica satisfação, o ICF desacelerou o ritmo de crescimento interanual de 19,7% em out/23 para 15,2% em dez/23, 0,5% em set/24 e -1,0% em outubro. No mesmo critério, as variações foram de: -4,2 % na perspectiva de consumo; -4,1% na perspectiva profissional; -1,9% no momento para duráveis; -0,6% no acesso ao crédito; 3,7% na renda atual; 0,2% no nível de consumo atual; o 0,0% no emprego atual.

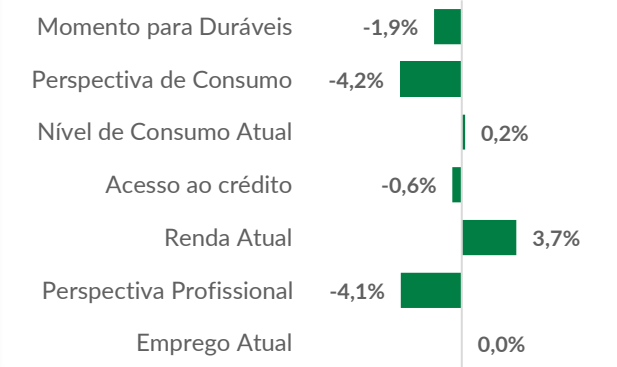
Variação Mensal
Série dessazonalizada



Variação Interanual



Variação Interanual
Abertura por componentes



Fonte: CNC.. Elaboração ABBC

Arrecadação Federal – Set/24

Apesar dos temores quanto à evolução da dinâmica fiscal, a arrecadação federal via impostos e previdência segue surpreendendo positivamente. Em setembro, foram arrecadados R\$ 203,2 bilhões, superando as entradas de R\$ 201,6 bilhões em ago/24 e de R\$ 174,3 bilhões em set/23. Descontando-se a inflação, o resultado foi o melhor para o mês desde o início da série histórica em 1995.

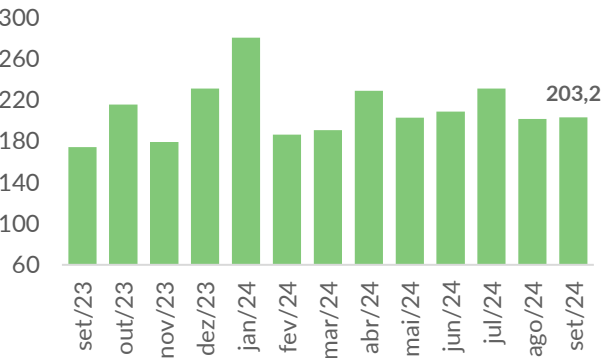
Com a receita administrada pela União somando R\$ 196,6 bilhões em setembro, a arrecadação federal alcançou R\$ 1,9 trilhão no acumulado do ano, o que representou uma elevação real de 9,7% frente ao mesmo período do ano anterior. Em 12 meses, o resultado ficou em R\$ 2,6 trilhões, levando a série com a evolução real, descontada o IPCA, sair de uma expansão de 6,7% a.a. em ago/24 para 7,6% a.a. em setembro (0,6% a.a. em set/23).

As desonerações encerraram em R\$ 10,0 bilhões no mês, o que representou uma redução de R\$ - 2,3 bilhões frente a set/23. No acumulado do ano, as renúncias foram de R\$ 92,5 bilhões, sendo: R\$ 2,0 bilhões em PIS/COFINS; R\$ 1,5 bilhão em IPI; R\$ 1,3 bilhão em Lucro Presumido; R\$ 1,0 bilhão em entidades beneficentes; R\$ 465 milhões em transporte público; R\$ 496 milhões em cesta básica; e R\$ 85,6 bilhões em outros. Já os resultados atípicos ficaram em R\$ 3,7 bilhões no mês, totalizando R\$ 22,67 bilhões no ano.

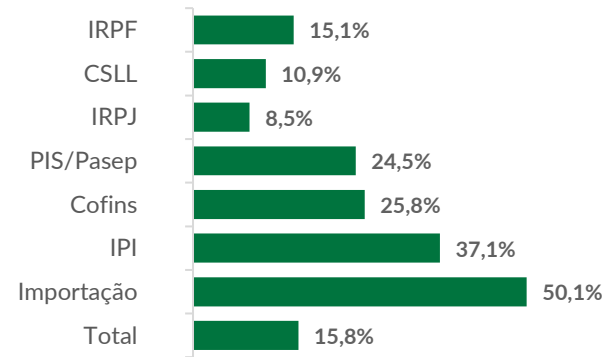
Ainda em setembro, destaques para os incrementos de: R\$ 2,2 bilhões na arrecadação de imposto territorial rural; R\$ 1,4 bilhão em outras receitas administradas; e R\$ -1,6 bilhão em IR total (PF+PJ).

Considerando-se o desempenho do 3T24 frente ao mesmo período do ano anterior, observou-se uma elevação de 15,8%, com destaques para as altas de: 50,1% em importação; 37,1% em produtos industrializados; 25,8% em COFINS; e 24,5% em PIS/PASEP.

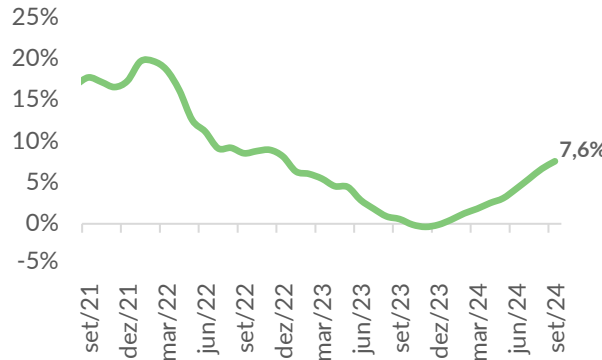
Arrecadação Mensal
Imposto + Previdência – em R\$ bilhões



Variação Trimestral
Em relação ao mesmo trimestre do ano anterior



Evolução Anual
Arrecadação acumulada em 12 meses



Fonte: Receita Federal.. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,9	3,2
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,9	10,1
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,4	6,9
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	4,3
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,2	3,7
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	11,75
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	98,6	81,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-28,6	-39,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	61,9	70,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,8	5,40
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-2,3	-0,6
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-8,9	-7,5
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,0	64,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	74,3	78,0



Diretoria de Economia, Regulação e Produtos



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688